

Gente Boa

CLEO GUIMARÃES

genteboa@oglobo.com.br

COM MARIA FORTUNA, ISABELA BASTOS E THAMINE LETA

'Eu preferia que ela fosse tenista', diz Gabeira



As imagens foram impressionantes. Maya Gabeira inconsciente, sendo retirada do mar gigantesco de Nazaré, em Portugal, pelo também surfista Carlos Burle, depois de cair numa onda enorme que quebrou seu tornozelo. Maya boiava, desacordada, e teve que praticamente ser ressuscitada. Pai da surfista, o ex-deputado federal **Fernando Gabeira** conversou com a coluna sobre o susto que tomou.

• Como você soube do acidente?

Soube pelo Twitter. Acordei, entrei na internet e vi que a imprensa portuguesa já estava comentando. Eu sabia que era um momento perigoso. Ela falou que ia tentar bater o recorde (de ondas gigantes) e disse para mim: "Pai, vai ser um grande dia."

• E o que você fez?

Esprei pela ligação dela. Nós temos um combinado: Maya me telefona sempre que sai da água. Então estava mais ou menos programado que eu seria informado. A notícia que li era assustadora, e ao mesmo tempo me tranquilizava, porque dizia que ela já estava se recuperando. Só que levou uma hora até o meu telefone tocar.

• Não é a primeira vez que ela se machuca...

Não, já quebrou o nariz oito ou dez vezes. O esporte que ela escolheu é muito sujeito a certas fraturas. A do tornozelo é comum, por causa da ligação com a prancha. Outros colegas já quebraram. Ela tá acostumada.

• E você, já se acostumou aos riscos do esporte que ela escolheu?

Acostumar a gente nunca se acostuma totalmente. Eu fico preocupado, preferia que a Maya fosse tenista, mas ela não seria a mesma pessoa. Então está ótimo assim, mesmo com os riscos envolvidos. É a vida que ela escolheu, tenho que respeitar.

Coração de mãe

Mãe de Maya, a estilista **Yamê Reis** conta que, assim que acordou, viu mensagem da filha no celular. "Dizia que ela estava bem. Temos um código: primeiro diz que está tudo bem, para depois contar o que houve. Se não for assim, não há coração que aguente". Yamê só percebeu que algo grave acontecera ao ver a reação das pessoas nas redes sociais. "O Facebook atrapalha mais do que ajuda nesta hora, ele multiplica o tamanho da coisa".

Olha lá, hein!

O QUE ELES ANDAM APRONTANDO

Alunos da Escola de Belas Artes mostram seus trabalhos em exposição coletiva no Centro Cultural Hélio Oiticica

FOTOS DE MARCOS RAMOS



Futuros artistas. Carlos Terra, diretor da Escola de Belas Artes, e o "Kit manifesto feliz": orgulhoso de seus alunos

Num salão do Centro Cultural Hélio Oiticica, a artista Vanessa Santos é coberta da cabeça aos pés com aquela fita adesiva onde está escrito "Cuidado, frágil". Era a abertura da Bienal da Escola de Belas Artes da UFRJ e o público assiste, nervoso, à performance da moça, que fica apenas com o nariz de fora.

A situação dura dois minutos, até que o marido da artista começa a desenrolar a fita do seu corpo. Ela reaparece, toda ofegante. "Controlei o abdômen para continuar respirando", conta Vanessa, que, com a performance, quis falar sobre a importância do tato na comunicação. "Retire aqui seu diploma de artista" é o título de outra obra, logo ao lado.



Frágil. A obra de Vanessa Santos

Vestida com uma beca tradicional, Aleta Valente escreve à máquina o nome do "formado" e lhe entrega um diploma novinho em folha.

"É brincadeira com quem desiste da faculdade. Eu estou aqui há dez anos!", conta. Também é bem humorado o trabalho do coletivo Vô Pixá Pelada, "Kit manifesto feliz". Eles colaram adesivos de granada em caixinhas do McLanche Feliz e botaram lá dentro lenços anti-gás de pimenta como brinde.

Marco Sampaio colocou pedras portuguesas soltas e sacos de areia no meio de um jogo de amarelinhas para mostrar "um Rio lotado de obras".

Diretor da Escola de Belas Artes, Carlos Terra estava encantado com o que via. "Portinari e Burle Marx estudaram aqui. Esses alunos podem ser os grandes artistas do futuro", apostava ele, animado.